



PROCOLOS DE MEDICAÇÃO PRÉ-ANESTÉSICA UTILIZADOS NO HUVET UNIPAMPA

Alyssa Brum de Souza Pahim, Giovanna Bauer Valério, Tainã Normanton Guim,
Renata Orlandin, Felipe Pratalli Martins, Marília Teresa de Oliveira

Alyssa Brum de Souza Pahim, discente de graduação, Universidade Federal do
Pampa, Campus Uruguaiiana

Giovanna Bauer Valério, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa,
Campus Uruguaiiana

Tainã Normanton Guim, médica veterinária, Universidade Federal do Pampa,
Campus Uruguaiiana

Renata Orlandin, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa, Campus
Uruguaiiana

Felipe Pratalli Martins, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa,
Campus Uruguaiiana

Marília Teresa de Oliveira, docente, Universidade Federal do Pampa

alysapahim.aluno@unipampa.edu.br

A medicação pré-anestésica (MPA) é uma etapa essencial do procedimento anestésico. Ela tem como finalidade reduzir a agressividade e ansiedade do paciente, fornecer uma boa sedação e, conseqüentemente, diminuir o requerimento de fármacos utilizados na indução anestésica. Reconhecendo sua importância, o objetivo do presente estudo foi identificar a frequência da utilização de diferentes protocolos empregados na MPA de cães e gatos anestesiados no Hospital Universitário Veterinário (HUVet) - UNIPAMPA no ano de 2018. Para tal, foi realizado um estudo retrospectivo, a partir da análise da ficha anestésica de cães e gatos submetidos a anestesia no período de janeiro a dezembro de 2018, seguido da tabulação dos dados obtidos. Foram excluídos do estudo cinco animais, por não constar no prontuário o protocolo de MPA empregado. Durante o ano de 2018, 208 cães (82,2%) e 45 gatos (17,8%) foram submetidos a algum tipo de procedimento anestésico, sendo que desses procedimentos, 50,5% e 55,5% tratavam-se de ovariectomias, em cães e gatos, respectivamente. Dos animais avaliados, 50,5% dos cães e 57,8% dos gatos receberam classificação ASA I. Esse dado demonstra que a maioria dos animais eram hígidos e não apresentavam comorbidades. Os fármacos utilizados, de forma menos frequente nos protocolos de MPA em cães e gatos foram, respectivamente: anestésicos dissociativos (9,1% e 33,3%); benzodiazepínicos (20,2% e 17,8%); e o alfa 2 agonista dexmedetomidina, utilizado em apenas um canino. Dentre os fármacos mais empregados para a realização da MPA, os mais frequentes foram os opioides. Metadona, morfina, meperidina e tramadol em cães, sendo utilizados em 95,7% dos protocolos, e metadona e morfina em gatos, empregados em 95,5% dos protocolos. Da classe dos fenotiazínicos, a acepromazina foi utilizada em muitos protocolos, principalmente associada aos opioides (44,2% dos casos em cães e 53,3% em

gatos). Os opioides, por serem os fármacos responsáveis pelo controle da dor, são de extrema importância em procedimentos anestésicos e quando utilizados na MPA proporcionam analgesia preemptiva aos pacientes. Seu uso associado aos fenotiazínicos caracteriza uma neuroleptoanalgesia, capaz de reduzir a ansiedade dos pacientes e, até mesmo, o requerimento de fármacos indutores. Tais características justificam sua ampla utilização. A partir da análise dos dados, é possível concluir que a medicação pré-anestésica com o uso de opioides e fenotiazínicos, produzindo neuroleptoanalgesia, foi o protocolo mais utilizado para a anestesia de cães e gatos submetidos a procedimentos cirúrgicos no HUVet UNIPAMPA no ano de 2018.

Agradecimentos: UNIPAMPA; AJAV; HUVet – Unipampa.

Palavras-chave: MPA; Opioides; Fenotiazínicos; Anestesiologia Veterinária.